

Representações da violência nos discursos de estudantes da Universidade de Cruz Alta: um olhar pela perspectiva da Análise Crítica do Discurso¹

Heloisa SCHMIDT²
Veronice MASTELLA³
Vanessa Steigleder NEUBAUER⁴

Universidade de Cruz Alta, RS

RESUMO

O presente trabalho destina-se a apresentar a proposta de uma pesquisa que está em fase inicial e que tem como objetivo central analisar as representações de violência presentes nos discursos dos estudantes da Unicruz. O projeto tem como aparato teórico-metodológico a Análise Crítica do Discurso (ACD) e está sendo desenvolvido numa perspectiva que reúne a análise linguística e a teoria social para examinar a relação dialética entre a sociedade e as suas práticas discursivas a partir de um método que descreve, interpreta e explica a linguagem no contexto sócio-histórico. Assim, por meio de procedimentos quali-quantitativos, a pesquisa busca compreender como as representações de violência construídas por meio da linguagem podem contribuir para manter ou modificar ideologias, concepções e/ou paradigmas.

PALAVRAS-CHAVE: Representação; linguagem; violência; discurso.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O discurso expressa valores, ideias e pode ser investido de ideologias⁵ e refletir hegemonias⁶, enquanto o texto (seja verbal e/ou imagético) é a realização linguística onde se materializa o discurso. Os estudos na perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD) proposta por Fairclough (2003; [2001]2008) examina o modo como a sociedade

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Estudante de Graduação do 5º semestre de Jornalismo da Unicruz, bolsista PIBIC-UNICRUZ. E-mail: helo.le@hotmail.com

³ Orientadora do projeto, docente do Curso de Jornalismo da Unicruz. E-mail: vmastella@unicruz.edu.br

⁴ Colaboradora do Projeto, docente da disciplina de Filosofia e Coordenadora do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Humanidades “Sorge Lebens”. E-mail: vneubauer@unicruz.edu.br

⁵ Para Fairclough (2001, p.117) ideologias “são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, reprodução ou a transformação das relações de dominação”.

⁶ Hegemonia, na perspectiva de Fairclough (2001, p.122), é “a construção de alianças e a integração, muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meio ideológicos para ganhar seu consentimento”.

mantém relação dialética com práticas discursivas e considera a noção de que o discurso tem um tríplice poder construtivo: “contribui para a construção de ‘identidades sociais’ (...), constrói relações sociais (...) e contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Na ACD, o discurso é entendido como uma forma de prática social, modo de ação sobre o mundo e a sociedade. Tal abordagem considera a noção de “discurso” como “modos de representar aspectos do mundo” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124), sendo que, em suas particularidades, os aspectos podem ser representados de forma diferente.

Diferentes discursos são diferentes perspectivas sobre o mundo e estão associados com as diferentes relações que as pessoas mantêm com o mundo, o que, por sua vez, depende de suas posições no mundo, suas identidades sociais e pessoais e as relações sociais que elas mantêm com as outras pessoas. Discursos não só representam o mundo como ele é (ou melhor, como é visto), eles também são projetivos, imaginários, representando mundos possíveis que são diferentes do mundo real e amarrado em projetos para mudar o mundo em direções particulares. As relações entre os diferentes discursos são um elemento das relações entre pessoas diferentes – eles podem se complementar, competir um com o outro, dominar os outros e assim por diante. Discursos constituem parte dos recursos que as pessoas implementam ao se relacionarem com as outras – mantendo-as separadas umas das outras, colaborando, competindo, dominando – e ao tentarem mudar os modos pelos quais se relacionam uma com as outras. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124, tradução nossa).

Assim, entendemos ser relevante estudar o(s) discurso(s) no qual se materializam concepções de violência, visto que se trata de “um problema social que acompanha toda a história e as transformações da humanidade” (MINAYO, 2007, p.22). Na contemporaneidade, as representações da violência estão presentes de forma marcante na mídia, seja nos discursos dos textos noticiosos ou nos produtos midiáticos voltados ao entretenimento. Tais representações perpassam as diferentes tipologias da violência, desde as mais explícitas (e facilmente identificadas) até as formas mais sutis, naturalizadas e nem sempre compreendidas como tal.

A violência, embora possa se manifestar de diferentes formas, pode ser definida numa perspectiva mais ampla como:

(...) uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar

em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002, p. 5).

Por ser um fenômeno complexo e multicausal, como observa Minayo (2007) e pode atingir todas as pessoas, afetando fisicamente e/ou emocionalmente, a violência requer ações contínuas para que seja evitada, minimizada ou rechaçada.

Assim, a partir do acima exposto, o projeto tem como objetivo geral analisar que representações de violência estão presentes nos discursos dos universitários da Unicruz tendo como aparato teórico-metodológico a Análise Crítica do Discurso (ACD). Para alcançar esse propósito central a pesquisa foi desmembrada nos seguintes objetivos específicos: (1) sistematizar, por meio de leituras e discussões, conhecimentos a respeito do conceito de violência e suas tipologias; (2) aprofundar conhecimentos acerca da linguagem como realizadora dos discursos (representações); (3) analisar que representação(ões) de violência são mais recorrentes entre universitários que constituem o *corpus* de análise e (4) compreender como as representações de violência construídas por meio da linguagem nas diferentes interações sociais (interpessoais ou mediatizadas) podem contribuir para manter ou modificar ideologias, concepções e/ou paradigmas na sociedade contemporânea.

REVISÃO DE LITERATURA

A capacidade do ser humano de, por meio da linguagem, estabelecer relações e de representar as experiências vividas é potencializada pelos meios de comunicação (MASTELLA, 2015). Na contemporaneidade, as interações sociais e a construção das representações da experiência humana são cada vez mais mediadas e mediatizadas. Interações mediadas, conforme Thompson (1998, p. 26), são aquelas que ocorrem através do uso de algum meio técnico ou suporte tecnológico (telefone, carta, livro, jornal, revista, rádio, televisão, internet). A mediatização⁷ está relacionada com as

⁷ Autores brasileiros como Fausto Neto (2008) e Braga (2012) entendem que há uma distinção entre mediação, mediatização e midiática. A ideia de mediação corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto dessa realidade – nosso relacionamento com o “real” é sempre intermediado por um “estar na realidade” em modo situacionado, por um ponto de vista – que é social, cultural, psicológico. O ser humano vê o mundo pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu “momento” (BRAGA, 2012, p. 32). Nessa perspectiva, Fausto Neto (2008, p. 93) observa que, em um período que se pode denominar “sociedade dos meios”, as mídias “[...] teriam uma autonomia relativa, face à existência dos demais campos”. Já na sociedade de midiática, “a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade” (BRAGA, 2012, p. 34-35).

mensagens e/ou discursos que circulam na mídia, ou seja, no conjunto de meios de comunicação de massa.

Representar é “construir textualmente o mundo social” (FAIRCLOUGH, 2003, p.8) e é a linguagem que nos possibilita construir representações de “aspectos do mundo físico (seus processos, objetos, relações, parâmetros espaciais e temporais), aspectos do ‘mundo mental’ de pensamentos, sentimentos, sensações (...) e os aspectos do mundo social” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 135). O autor observa que o mundo social também pode ser representado de “uma forma mais generalizada e abstrata em termos de estruturas, relações, tendências e assim por diante” (*ibidem*).

As representações (que estão no âmbito das ideias) são construídas nas interações sociais (sejam elas face a face, mediadas e/ou mediatizadas) quando “o sistema de uma língua é ‘instanciado’ sob a forma de texto” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.26). Na medida em que entendemos um sistema linguístico como um “potencial de significados” à disposição dos falantes ou escreventes para “dar sentido a nossa experiência e para realizar nossas interações com outras pessoas” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.24).

A Linguística Sistêmico-Funcional (LFS), teoria social concebida a partir de Halliday (1994) e Halliday & Matthiessen (2004), oferece os fundamentos para estudar o discurso como dimensão semiótica de uma situação de interação na ACD e pela Gramática Sistêmico-Funcional (GFS) é possível identificar as estruturas da linguagem verbal (oral ou escrita) que contribuem para o significado de um texto.

Na perspectiva da LSF, a linguagem é “uma entidade viva presente em situações, grupos, locais e eventos variados e, como tal, sofre a influência destes e de outros fatores” (FUZER; CABRAL, 2010, p. 5). E, como propriedade de comunidades, culturas e indivíduos, a língua é um potencial de significados à disposição dos falantes que dela fazem uso para estabelecer relações, representar o mundo e, com isso, satisfazer determinadas necessidades em contextos sociais específicos.

Fuzer e Cabral (2010), ao explanarem sobre a teoria concebida por Halliday (1994), observam que ela é sistêmica, visto que entende a língua como redes de sistemas linguísticos interligados que permitem a construção de significados, sendo cada sistema um conjunto de alternativas possíveis que podem ser semânticas, léxico-gramaticais ou fonológicas/grafológicas. É também funcional, pois explica as estruturas gramaticais em

relação ao significado e às funções que a linguagem desempenha em textos e em determinados contextos.

Assim, por meio da Gramática Sistêmico-Funcional é possível identificar as estruturas de linguagem específicas que contribuem para o significado de um texto. Os propósitos que estão subjacentes a todos os usos da linguagem são manifestados ou podem ser percebidos/analizados por meio de três metafunções: ideacional/representacional (compreender o meio), interpessoal/interacional (relacionar-se com os outros) e textual (organizar a informação). Para fins didáticos ou de análise, as três são estudadas separadamente, embora ocorram simultaneamente na linguagem em uso. Nessa perspectiva, a análise do discurso se dá pelo sistema da transitividade (a oração como representação).

O sistema de transitividade “constrói o mundo da experiência em um conjunto razoável de tipos de processos. Cada tipo de processo possui seu próprio modelo ou esquema para interpretar um determinado domínio da experiência” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 170). Segundo os autores, tornamo-nos conscientes em uma idade muito precoce (três a quatro meses), quando passamos a vivenciar experiências interiores e exteriores: entre o que acontece “lá fora”, no mundo que nos rodeia, e o que experimentamos como acontecendo “dentro de nós”, no mundo da consciência (incluindo emoção, percepção e imaginação). Assim, a forma prototípica da experiência “exterior” é a de ações e eventos: as coisas acontecem, as pessoas ou outros atores fazem as coisas ou as fazem acontecer. A experiência “interior”, no entendimento desses estudiosos, é mais difícil de resolver, pois é como uma espécie de “*replay* do exterior” sobre a qual repetiríamos, refletiríamos e reagiríamos. A gramática pode ser definida como uma descontinuidade entre essas duas experiências, pois ela distingue claramente entre os processos da experiência do mundo externo e a experiência interna, ou seja, os processos de consciência.

As categorias semânticas – participantes, processos e circunstâncias –, que explicam, de modo geral, como os fenômenos de nossa experiência do mundo são construídas na estrutura linguística, constituem o sistema da transitividade. Por meio desse sistema, que tem a oração como unidade de análise, o falante/escrevente constrói um mundo de representações baseado na escolha de um número tangível de tipos de processos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 170). Nesse sistema, cada oração é constituída de três elementos: (1) o processo (o elemento central); (2) o(s) seu(s)

participante(s); (3) as circunstâncias (com caráter opcional), que são representadas por grupos adverbiais e têm a função de adicionar informações ao processo. Os participantes são as entidades envolvidas – pessoas, coisas, seres animados ou inanimados –, as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele. Normalmente, os participantes são representados por grupos nominais, enquanto os processos são, tipicamente, realizados por verbos.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 168-248), há três tipos principais de processos pelos quais o indivíduo representa suas experiências: materiais (fazer), mentais (sentir) e relacionais (ser). Os processos materiais são da ordem do “fazer”, relacionados às ações do mundo físico e responsáveis pela criação de uma sequência de ações concretas, sejam elas criativas ou de transformação. Dois são os seus participantes principais: Ator e Meta. Ator é quem realiza a ação propriamente dita, sendo que sua presença é obrigatória. Todo processo tem um Ator, mesmo que ele não seja mencionado ou sua presença não esteja explicitada na proposição. O participante Meta é aquele a quem o processo é dirigido, sendo modificado pela ação. Nas orações materiais, podem ainda aparecer participantes secundários ou indiretamente envolvidos. São eles: Escopo e Beneficiário. O Escopo é uma entidade que existe de forma independente do processo, não sendo afetada pela ação. O Beneficiário desdobra-se em dois: o Receptor e o Cliente, dependendo do contexto em que ocorrerem. O Receptor está presente em orações que denotam a transferência da posse de bens. O Cliente é a entidade que recebe um serviço.

Os processos mentais, para Halliday (1994), são os processos do “sentir” relacionados ao nosso mundo interior, ou seja, referem-se às ações que ocorrem no fluxo de nossos pensamentos (consciência) ou em sua representação. Os processos mentais, de acordo como Halliday e Matthiessen (2004, p. 208-210), dividem-se em quatro subtipos: de cognição, correspondentes à decisão e à compreensão (saber, entender, decidir, racionalizar); de percepção, relacionados à observação de fenômenos a partir dos nossos sentidos (visão, olfato, tato, paladar, audição); de sensação, pertinentes aos sentimentos (gostar, amar); de natureza desiderativa, ligados ao querer, desejar. Os participantes desse tipo de processo são o Experienciador (em cuja mente o processo está se realizando) e o Fenômeno, que é o elemento percebido/sentido pelo Experienciador.

Além desses dois tipos de processos principais de um sistema linguístico, há o Relacional, que possui uma função classificatória, relacionando duas entidades diferentes. São os processos de “ser”, “ter” e “pertencer”. Fuzer e Cabral (2010, p. 69) observam que as orações relacionais são usadas “para representar seres no mundo em termos de suas características e identidades. Ajudam na descrição de personagens e cenários em textos narrativos; contribuem na definição de coisas, estruturando conceitos”. Nas fronteiras entre os três principais processos, há outros secundários: existenciais, verbais e comportamentais (Figura 1).

Figura 1 – Tipos de processos nas orações.



Fonte: Traduzido por Cabral (2002) a partir de Halliday (1994) e atualizado por Fuzer (2010, p. 10) a partir de Halliday e Matthiessen (2004).

Os processos comportamentais estão entre os materiais e mentais e são ações que englobam comportamentos físicos e psicológicos realizados de forma simultânea.

Para Halliday (1994), alguns processos comportamentais, como olhar e encarar, estão mais próximos de ações mentais. No entanto, outros, como dançar e deitar, são mais próximos de ações materiais. Assim como os processos mentais, os comportamentais exigem que pelo menos um dos elementos da oração seja uma figura animada ou personificada. O Comportante é a entidade que realiza a ação e o Comportamento é o elemento que define o processo.

Os processos verbais são da ordem do “dizer” e estão na fronteira entre os processos mentais e os relacionais. Nesses casos, verifica-se a presença de quatro participantes: o Dizente (não necessariamente humano), que realiza a ação; o Receptor, para quem a mensagem é direcionada; o Alvo, a entidade que é atingida pelo processo; a Verbiagem, a mensagem propriamente dita. Já na fronteira entre os processos relacionais e materiais, encontra-se o processo existencial. As orações existenciais são realizadas tipicamente pelos processos “haver”, “existir” e “ter” (em português brasileiro). Nessas situações, há apenas um tipo de participante, o Existente.

Os tipos de processos, seus significados e participantes característicos, além das circunstâncias, constituem as categorias semânticas do sistema da transitividade e, por meio delas, é possível estudar como as representações são construídas pela instanciação do sistema linguístico. Nessa perspectiva, é possível dizer que muitas das mudanças sociais que ocorrem não envolvem apenas a linguagem, mas podem ser identificadas nas práticas de linguagem, isto é, nas práticas discursivas. Nesse sentido, a análise das práticas sociais se dá pelo texto (produto das práticas discursivas), porque os indivíduos que constroem os discursos fazem escolhas sobre modelos e estruturas de seus “discursos” que são também escolhas sobre o significado. Para Fairclough (2008, p.92) “a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional quanto criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta investigação segue a abordagem qualitativa (CRESWELL, 2010) e na sua realização serão combinados procedimentos quali-quantitativos. A pesquisa qualitativa é adequada para “explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”(CRESWELL, 2010, p.26) e pode reunir métodos emergentes como (1) perguntas abertas, (2) dados de entrevistas, de observação, (...); (3) análise de texto e imagem e (4) interpretação de temas e padrões

(*idem*, p.40). Para Silvermann (2001) Barton (2002) Walsh (2010) a combinação de procedimentos qualitativos e quantitativos é considerada adequada em pesquisas que, assim como esta, envolvem aspectos humanos e sociais como a linguagem, mais especificamente, a análise crítica dos discursos.

Considerando os métodos (meios técnicos) de investigação, o estudo segue o que o viés preconizado pela Análise Crítica do Discurso (ACD) a partir do modelo tridimensional proposto por Fairclough (2003; [2001] 2008). Utilizando os pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional Halliday (1994), o modelo tridimensional de Fairclough (2008) agrupa as categorias analíticas em três dimensões: texto, prática discursiva e prática social.

A dimensão do ‘texto’ cuida da análise linguística de textos. A dimensão da prática discursiva, como ‘interação’, na concepção ‘texto e interação’ de discurso, especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual – por exemplo, que tipos de discurso (incluindo ‘discursos’ no sentido mais societário) são derivados e como se combinam. A dimensão da prática social cuida das questões de interesse na análise social, tais como as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivos/constitutivos(...) (FAIRCLOUGH, 2008, p. 22).

A metodologia preconizada por Fairclough é entendida como crítica, porque se compromete em “mostrar conexões e causas que estão ocultas; implica, também, a intervenção – por exemplo, fornecendo recurso por meio da mudança para aqueles que se encontram em desvantagem” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 28).

Universo de análise e critérios de coleta do *corpus*

O universo de análise é constituído pelos estudantes da Universidade de Cruz Alta e o critério para a seleção do corpus de análise será “textos (discursos) de alunos ingressantes nos cursos de Graduação”, uma vez que o principal propósito da pesquisa é identificar que representações de violência os alunos trazem consigo ao ingressar na universidade. Os estudantes que participarem da pesquisa terão suas identidades preservadas. Na descrição e análise dos textos (discursos) não serão mencionados os nomes desses jovens, apenas idade e curso que frequentam.

Os resultados obtidos na pesquisa contribuirão para o aprimoramento e/ou o melhor direcionamento das ações desenvolvidas a respeito dessa temática, no

Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Humanidades “Sorge Lebens”, do qual as proponentes fazem parte, além de subsidiar, nas discussões em sala de aula, as questões transversais que envolvem a violência.

Instrumento de coleta de dados e procedimentos metodológicos de análise

O instrumento de coleta de dados é um questionário constituído de questões fechadas e abertas abordando a temática “violência” e tendo como parâmetro as tipologias de violência sistematizadas por Minayo (2007). As repostas das questões fechadas irão fornecer dados quantitativos sobre as tipologias mais recorrentes ou as mais naturalizadas. Já os textos das repostas das questões abertas serão os dados para a análise discursiva propriamente.

A análise qualitativa dos textos busca identificar que representações de violência estão presentes. Nortearemos nosso olhar na análise dos textos a partir de questões como: (1) que tipologias de violência são mais recorrentes e mais reconhecidas como um ato e/ou situação de violência? (2) que processos (materiais, mentais, comportamentais, verbais, relacionais ou existenciais) são mais recorrentes na representação da violência? (3) que representações de violência estão mais naturalizadas nos discursos dos estudantes?

A análise dos discursos presentes nos textos considera o contexto de uma sociedade ainda marcada pela violência. Há aspectos da sociedade brasileira (temas recorrentes na mídia nacional) que precisam ser considerados no processo de analítico, tais como: (1) os elevados índices de criminalidade no Brasil, (2) a falta de oportunidades de trabalho para todos, (3) as carências graves no sistema educacional, (4) e os sistemas judiciário e carcerário ineficientes.

É pertinente ressaltar que, por se tratar de uma pesquisa com abordagem qualitativa, poderá – se necessário – ocorrer a adoção de procedimentos investigativos adicionais com o intuito de alcançar plenamente os objetivos propostos.

Articulação do projeto de pesquisa com o Ensino e a Extensão

Os procedimentos de coleta, análise de dados e, principalmente, os resultados obtidos na pesquisa, contribuirão para subsidiar a abordagem sobre o tema da violência nas discussões estabelecidas no âmbito do ensino. A discussão de temas transversais em sala de aula é uma ação que pode ser mais bem aprofundada quando se tem em mãos

dados do contexto local e regional. Os resultados dessa investigação servirão também como subsídios para ações e reflexões desenvolvidas a respeito desse assunto, no “eixo temático Violência” do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Humanidades “Sorge Lebens”⁸, do qual as envolvidas na pesquisa fazem parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprofundar conhecimentos sobre a violência e o modo como ela está presente nos discursos é, em nosso entendimento, o primeiro e importante passo, para alcançar a não violência. Se considerarmos que a não violência é uma construção social e pessoal, que pressupõe o reconhecimento da humanidade e da cidadania do outro e de que a solução para os conflitos passa pela negociação e pelo diálogo, compreender como a violência está representada e naturalizada nos discursos é fundamental. Na medida em que nos tornamos mais capazes de desvelar as diferentes representações da violência manifestadas (explicitamente ou não) nos discursos, maior será nossa compreensão a respeito do problema, potencializando nossa capacidade de planejar ações voltadas à promoção da não violência e de uma cultura de paz.

REFERÊNCIAS

- BARTON, E. Inductive discourse analysis: discovering rich features. In: BARTON, E.; STYGALL, G. (Ed.). **Discourse studies in composition**. Cresskill: Hampton Press, 2002. p. 19-42.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus Campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós. 2012
- CRESWELL, J.W..**Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FAIRCLOUG, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. New York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, [2001] 2008.

⁸ O referido laboratório é um projeto de extensão que envolve atividades articuladas com ensino e pesquisa e que se propõe a instigar a busca por um saber responsável e coerente com a manutenção e sustentabilidade da vida, o que edifica os princípios técnicos de conhecimentos específicos de cada área, aproximando-os da responsabilidade de uma práxis comprometida com o exercício da cidadania. A partir de temáticas decorrentes das problemáticas sociais contemporâneas, o laboratório procura aproximar o conhecimento das diversas áreas específicas dos cursos de graduação da Universidade de Cruz Alta à teoria filosófica e ao exercício da filosofia prática em um compromisso de “cuidado com a vida”.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. (Orgs.). **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2010.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2nd. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. 3ª ed. London: Edward Arnold, 2004.

KRUG, E. G. et al. (Org.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: Organização Mundial da Saúde, 2002.

MAGALHÃES, I. Introdução: a análise de discurso crítica. **Delta**, São Paulo, v. 21, p. 1-9, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502005000300002>>. Acesso em: 20 abr. 2012. Número especial.

MASTELLA, V. **De anônimos a heróis: discursos sobre o câncer de 1973 à 2013 no gênero reportagem de popularização da ciência na revista Veja**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2015

MOTTA-ROTH, D. Últimas descobertas! Estrutura potencial do gênero notícia de popularização da ciência. In: SIGET - SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 5, 2009, Caxias do Sul. **Caderno de Resumos**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009, p. 86-87.

MINAYO, M.C. S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: SOUSA E. R. (org), **Curso impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP; 2007. p. 21-35.

SILVERMAN, D. **Interpreting qualitative data: methods for analysing talk, text and interaction**. Great Britain: Sage Publications, 2001.

WALSH, K. quantitative vs qualitative research: A false dichotomy. **Journal of Research in Nursing**, v. 17, n. 1., p.9-11, 2012.